

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

---

# BALAS... DE PAPEL

... palavras contra a pessima ordem das coisas sublunares

CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

PUBLICAÇÃO BIMENSAL

N.º 2 — 15 de dezembro

LISBOA

IMPRESA DE LUCAS EVANGELISTA TORRES

83 — Rua do Diário de Notícias — 93

1891

10-65-



10-65

GUALDINO GOMES — CARLOS SERTORIO

# BALAS... DE PAPEL

N.º 2 — 15 DE DEZEMBRO.

## SUMMARIO

PORTUGUESES, É CHEGADO... D. CARLOS — A grande *riçolade* das berças glorifica o Carrelhas e ensombra o Ramalho — Proverbio explicativo — Coroação de GARRETT pelos privativos contratadores e auctores dramaticos da casa — ENTERRO DO IMPERADOR DO BRAZIL — Melhor espectáculo que a apothese do normal e... de graça — Tolo em vida e sabio em morto. — AO SR. M. B. — Viva! — ENNES ARREBADO SEM AVARIA. — A PATACÓ O SELAMIN... QUEM QUER DRAMATURGOS NOVOS — A CRISE — No parlamento e na imprensa — Seriedade e falta de appetite respectivos. — DEODÓRO VAE, FLÓREANO RIBOLA — PERDEU-SE UM PRINCIPE! — O AUCTOR! O AUCTOR! — Nem Garrett, nem Luiz de Araujo estão no palco — A AGONIA DOS SIMPLES POR GUERRA JUNQUEIRO — S. CARLOS ATRAVEZ DOS SECULOS — UMA ESTREIA INFAUSTUOSA NO FAUSTO. — MAGALHÃES LIMA ENTRE OS SEUS PARES — VAE ESCREVER UMA PEÇA O PEDRO CORREIA... — ENTÃO, VEM DE LÁ ESSA PRINCEZA! — PAN... TAFAGUDO! — O PAN E MAIS O FONSECA FIZERAM UMA PATUSCADA... — A REVISTA DE PORTUGAL COM REGRAS NOVAS. — SERAPIÃO AINDA APANHÁ A DE S. THIAGO! — REPRIZE DO MEDICO Á FORÇA — BRAZÃO ADOCE — Schwalbach — Sganarello põe-no fino — UMA ORDEM DE CAVALLARIA... LIGEIRA — A QUESTÃO DO CASO DAS TRINAS DÁ... BOLACHAS — A descripção das festas do Porto dá... uma saia ao Carrelhas.

## VIVA A FOLIA...

Teve Lisboa na noite primeira de dezembro o regozijo duplo da vinda do rei, que andara triumphosamente pelas provincias, e da festança patriotica da commemoração restaurativa de Portugal. Musicatas, foguetorio, grande brodio nas tabernas de gallegos e nos cafés de *camareras*, isto pela libertação do jugo castelhano; hymno da Carta, morteiros, venias e grande aperto na estação central, isto por homenagem ao throno. — Exemplarmente te portaste nessa inolvidavel noite, ó nobre, ó leal, ó muito antiga cidade! Do teu odio aos Hispanhoes, do teu amor aos soberanos deste sobeja prova: contra aquelles, como te manda a Associação 1.º de



Dezembro; a favor destes, imitando, sem te contrariar, a conducta de Carrelhas — o vencedor de Ramalho Ortigão nas festas monarchicas do Porto; aonde o supremo constructor dos arcos soberbos de Cascaes foi abatido pela prosa bordada a matiz do amavioso reporter. Com o *Jornal do Commercio* ás ordens, — e ás ordens d'elle — Carrelhas pôz novo lustro no baço esplendor da realza, contando e cantando a recepção estrondosa: os operarios a berrarem entusiasticas e ricas piadas; as mulheres do povo a fazerem gestos á rainha; o principe a sorrir batendo as mãos, na sua psychologiazinha de creança; a sr.<sup>a</sup> D. Amelia a exclamar, doce, docemente: — «Que bom... Que bom povo!»; o anagrammatizado pharmaceutico Lencart, fulo, corrido, tendo fechado a botica em signal de desgosto, por não ter dado em droga a grande pandiga portuense; o João Chrysosthomo, sem pregar olho, velha sentinella áleria; a grrrrande visita ás fabricas, muito realmente industriosa; a revista dos quattros soldados e um cabo — por signal que era um lindo moço o cabo! — e ao fim a espectacular scena de effeito do hospital, em que a rainha, ajoelhada aos pés do catre do miseravel morto, «parecia o eterno feminino endolorido!» Tudo isto — e mais a dadiva da espada de el-rei ao official atrapalhado, que partira a sua em regio serviço, não nas costas dum labrego, mas sob a roda dum trem — e mais a guitarra offerecida em Braga ao principe real — e mais aquellas palavras do Taxa de Viana, em louvor de D. Carlos e de censura aos governos, — tudo isto em estylo aphrodisiaco, transmittido pelo telegrapho, e endereçado em missivas ternas, deu ao *reporter* vantagens sobre o antigo farpista decadente. É que o chaparro cresce e o sobreiro apodrece — como lá diz o rifão ingenuo.

Assim não podemos deixar de te louvar, ó nobre, ó leal, ó muito antiga cidade de Lisboa — ahi seu Ulysses! — por teres ouvido e seguido o Carrelhas, e parallelamente realizado os desejos da 1.<sup>o</sup> de Dezembro que — coitada! — até quiz dar 1:500\$000 por uma recita de restauração em D. Maria, com o *Alfageme de Santarem*. Não os deu porque a empresa do theatro precisava de conservar em folha a peça de Garrett para a commemoração familiar, que fez, do passamento do grande escriptor.



Foi outra noite de festivos pretextos para *toda Lisboa* se expôr, não á luz electrica da Avenida, em torno do monumento, macaqueado em Torre Eiffel, mas de casaca e manga curta na platéa do theatro normal, a nossa *Comédie Française*, talvez desnacionalizado na idéa da consagração, mais muito português no bilheteiro e contratadores concomitantes. A apothese da empresa de D. Maria e dos seus privados dramaturgos teve effectivamente muito character como expressão de cabotinismo e de ganhança. Garrett coroado exclusivamente por elles e pelos escriptores de theatro puxados á feira dos societarios deu-lhes não só o sempre desejado motivo de fazer figura, mas a uns e outros lucros positivos e provaveis, e — o ar de protecção bondosa, sobretudo por parte da empresa, ao talento do auctor do *Alfageme*. Devem estar satisfeitos todos, porque fizeram um figurão, o publico é que sahiu descontente, pois que a chinfrineira somítica do acto não lhe permittiu o participar tambem da honra feita a Garrett, dando-lhe palmas e bravos com ar de entendido e de generoso. A ovação foi toda para os interpretes da peça, muito lentesoulados e coloridamente catitas, com as vestimentas das primeiras partes. Só nas vistosas roupinhas do condestavel (sr. Augusto Rosa) se foi com certeza bem boa maquia, o que deu em resultado a diminuição do numero de vasos com manjarico e da quantidade de dentes na restea d'alhos que foram postos á roda e no pedestal do busto vestibular do commemorado.

A final estes principios de dezembro, a pesar da falta de remessas do Brazil, foram muito divertidos para a população. O enterramento do imperador do Brazil proporecionou mais um dia de folguedo á nobreza, clero e povó, e foi um verdadeiro salvaterio para a falta de assumpto das gazetas, como já o tivera sido tambem o anniversario jovial da morte de Garrett.

*Prudencio*, no *Pimpão*, até approximou em sabio paralelo os dois «homens da semana»: — o auctor da *Dona Branca* (sem musica!) e o dos sonetos — sem ella tambem — ainda ha pouco troçados nas folhas palacianas *di cá*. E *Prudencio*, não chegando — já se vê, por causa do nome! — a estas considerações irreverentes, tem comtudo toda a razão junctando os dois nomes celebres de D. Pedro e Garrett.



Lisboa esqueceu o primeiro, de que viu — estamos certos — como se fôsse pela primeira vez o seu *Alfageme* em D. Maria e o seu retrato no *Illustrado*, e lembrou sempre o segundo para o ridiculizar já como visitante feliz, já como hospede exilado.

—••—

Ao sr. M. B. do *Jornal da Noite*, tambem *Binoculo* noutra secção da folha intransigente, não devemos, ainda que nos pese, agradecer o «seu artigo de fundo» exageradamente elogiativo dos gracejos que lhe dirigimos. Quer-nos parecer que alguém abusou da ingenuidade do moço jornalista e o impelliu — talvez por interesse proprio — a responder-nos dum modo supplicante. Isso não fica bem a um novo, mesmo quando tem cara de velho. E dado que, illudidos, o julgue-mos inexperiente, e tenha sido por já *saber viver* que o sr. M. B. nos encareceu, — peor um pouco. Se não nos commove a sua simplicidade, tambem nos não pôde mover a sua es-perteza.

Uma coisa apenas teremos muito gosto em lhe agradeecer — reconhecidos. E' a acceitação d'este conselho: — Escrever menos e estudar mais. Assim é de crer que *Binoculo* venha a ser um dia oculo de longa mira...

— Sem fel, vê?

—••—

Da ainda nossa Africa chegou muito bem, muito obrigado, o sr. Antonio Ennes. Agora os expedicionarios que elle para lá mandou, de penna de gallo no chapéo de feltro, esses — pobres-diabos! — é que não regressaram assim tão *mistigos*. O clima estropiou-os tanto, por assim dizer, quanto o misti-forista do *Dia* havia estropiado a historia universal de Cesar Cantu.

Um grande homem d'Estado, de grande estadão mesmo, este commissario da Mala Real. E sabem? — Veiu apenas fazer aguada, metter refrescos a bordo. Levanta ferro dentro em pouco, com o mesmo rumo, e grande devoção no Senhor dos Navegantes. — Orça!

—••—

A' porta do theatro de D. Maria II:

— Merca o par de originá... es! — Melodramas á fá... ca!

—••—



Desde que principiou a crise monetaria deram-se as providencias seguintes: mandaram-se fazer notas e cédulas; roubaram-se dois ou trez mil réis a cada amanuense faminto; gastaram-se alguns contos em festas e eleições, falou-se casualmente em economias; abriram-se as côrtes; tratou-se da questão judiciaria e do hospital de tísicos na Serra da Estrella; mandou-se retirar a expedição africana; cantou-se esta ultima pessimamente em S. Carlos, e espalhou-se na alma popular indignada o tango do *Burro do Sr. Alcaide*.

O povinho aprende, com a mesma ancia, quando é insultado pelos estrangeiros, os *Heroes do mar...*, e quando é roubado pelos nacionaes, o *Viva a folia, á beira-mar*,— duas obras primas de musica e lettra.

Na imprensa trata-se a questão monetaria deste modo:

*Diario de Noticias*: — Brito Aranha, aterrado pela permanencia do agio, carpe o imperador do Brazil.

*Diario Popular*: — O sr. Marianno dá a sua palavra de honra que a coisa melhora em breve; como um fallecido lente de philosophia universitaria, que provava as gerações espontaneas deste modo! — «Meus senhores, juro-lhes que as gerações espontaneas existem.»

*Diario Illustrado*: — Sergio Raposas, o mulherengo, muito patriota, noticia que, para credito de Portugal lá fora, está fazendo furor em Paris uma Açoriana.

*Pimpão*: — Continúa a evitar a lagrima popular com os *enigmas* de M. Cacir.

*Seculo*: — Chora a perda de D. Pedro d'Alcantara, e afirma que é tão certo a republica salvar o paiz, como o dr. Marmelim ser um grandissimo... advogado.

*Correio da Manhã*: — Esforça-se por ser original nos ditos do fim.

*Jornal da Noite*: — Consciô de que é inedito, e de que tem callos, não se mette em apertos.

Os outros jornaes admiram que estes não tratem da questão monetaria, e no dia immediato volvem a admirar-se, e *per omnia secula* vão-se admirando.

Pois já que isto, por *cabala ou fraqueza, anda tudo á troca*, segundo a phraseologia da *Tarde*, vamos nós escrever um artigo serio, um artigo que só não é de fundo, por uma questão de paginação:



Senhor ministro da fazenda!... (*apoiados*). Não são as vossas promessas, (*apoiados*) nem as vossas mathematicas de theoria, (*apoiados*) que nos hão de salvar!... O paiz parece socegoado, mas não o está! Essas camaras abriram, a situação do pais é singularissima, e os deputados não tratam della! Uns falam da Serra da Estrella, outros da questão judicaria, outros da reforma do ministerio dos extranjeiros, e não entra em discussão a *crise*. Numa occasião destas apparecem na camara quarenta e quatro deputados apenas. Ponha-se a *crise* em ordem do dia! Queremos ouvir o que dizem Raposas e o sr. Gomes Netto! Um, pela sua perspicacia, outro, pela especialidade de banqueiro, devem dizer coisas grandes! As camaras estão desertas, continuam no *ram-ram* antigo, e a unica novidade que apresentam é uma *cantina* do pasteleiro Guerra, aonde os paes da patria lancham. Parece que o nome do pasteleiro é significativo! Comem-se os pastéis do Guerra e esquece-se a guerra eminente! Se as *Aidas* do continente negro já estão satisfeitas, Baracho que volte á patria que o reclama.

O sr. Ennes que alvitre alguma cousa tambem, como os sargentos anonymos alvitravam no *Seculo*, por occasião do *ultimatum*. Parece que o sr. Ennes morreu! Que não existe! Que já não quer á patria afflicta, e que, em vez de se chamar Ennes, apenas se chamam N. N., como as personagens anonymas dos cartazes de theatro!

Finalmente, ou os deputados falam do assumpto importante e momentoso, ou o terceiro numero das *Balas... de papel* ha de ser um folheto revolucionario, que, ao som do *gá ira*, leve o povo á revolta, e a revolta ao largo das Côrtes, aonde os deputados, surprehendidos a lanchar empadas do Guerra, serão todos enforcados com tiras da sobrecasaca do sr. Gomes Netto!...

Teem quinze dias!...



Comiamos carapaus e pediramos meia-assada quando ao nosso lado, no banco comprido da tasca, se sentou alguém, proferindo um «com licença» affavel e tímido.

Era um homem ainda novo, trigueiro, magro, bigode grisalho e queimado pelo cigarro.

— Um vintem d'elles, ó Lages, gritou.



Vestia uma sobrecasaca coçada, luzidia e cheia de nodos; tinha as unhas sujas e um chapeo alto ruço e pellado.

Indifferentemente, continuámos a conversar e, porque fôsemos dizendo as difficuldades cada vez mais crescentes da lucta pela vida, o homem do lado bradou :

— Isso é que é a verdade !...

E levantando-se, com a mão no chapéo :

— Eu peço perdão aos cavalheiros... mas essa é que é a pura da verdade. Isto está uma miseria. Querem saber : uma subscripção que todos os annos me rendia vinte mil réis, de-me este anno — 480 !

Sentara-se e dava murros na mesa :

— E não haver quem se ajunte para fazer uma revolta. Não se poder estoirar esta coisa... fazer ir pelos ares esta pouca vergonha !

Rugia, desesperado, o descontente, e parecia, movendo a cabeça, com o olhar esgazeado, procurar um meio de dar cabo disto tudo, mas de repente vê defronte d'elle o Lages com o meio litro de novo cheio, toma-lho da mão, bebe sofregamente mais de metade — e acalma-se, resfolegando...

O leitor lembra-se dum final de acto no *Drama do Povo*, em que o coronel Foy diz a Junot, apontando para o labroste que lhe vem reclamar em violentos estos de rhetorica a honra de uma filha seduzida : — *Aquelle homem é a Revolução !* — lembra-se ?

Pois bem, e sem arranco de eloquencia, — aquelle homem da tasca é o país.



Com a mudança de Deodoro para Floreano lá vae o sr. Vieira da Silva inaugurar outro retrato no consulado geral e o José Antonio botar outro respectivo discurso hamletico — queremos dizer : que ninguem entenda.

Vejam, em todo caso, que não é asneira nenhuma ir sempre guardando a tela e a allocução dedicadas ao primeiro presidente. Lá virá um dia em que possam servir ainda. Olhem que o mundo dá muita volta, tanto faz que seja o velho como o novo...

E a effigie do herdeiro imperial já a mandastes pintar ? — Pois é ir tratando disso tambem.





No dia 11, pelas 3 horas da tarde, um esquadrão de cavallaria e um coche real esperavam, á porta da estação da Avenida, um principe estrangeirò. Um quarto de hora passado chega sua alteza, ou lá como lhe chamam na terra do principe, mette-se no coche, o boleiro toca as bestas, o esquadrão toma a deanteira ao coche, e põe-se em marcha o enterro do bacalhau.

Ao chegar, porém, ao fim do Rocio, o boleiro não repara que a guarda avançada enfiara pela rua do Ouro, e aponta as bestas, o coche e o principe á rua Nova do Carmo. Vendo isso, o commandante do esquadrão sobe co'a sua gente, a galope, a rua Nova do Almada, e vem esperar a alteza no Chiado. A alteza, porém, não apparecia. O boleiro, como as cavalgadas não tirassem o coche naquella subida, retrocedera, e viera pela rua do Ouro.

Embarço do commandante, que perdera assim o menino que fôra entregue á sua guarda. Aonde está, aonde não está! Até que um soldado illuminando o olhar, exclamou:

— Não foi senão ao Grandella, pela certa!

Bem lembrado! E ahi vae a cavallaria, rua Nova do Carmo abaixo, rua do Ouro, Grandella.

— Nada, aqui não está, diz o barbaças da porta. — Passou em direcção á rua dos Capellistas.

E ahi vae o esquadrão a trote; entra no terreiro do Pago e não vê alteza alguma.

Um sargento, exclama:

— Iria elle ver o frontão, ó meu capitão.

— Vamos ver, responde o commandante.

Nisto um gallego, que estava á esquina da rua do Ouro, pergunta:

— Os senhores, em que eu seja confiado, procuram um principe que ia de coche?

— Vistesi-o? — grita em ancias o esquadrão.

— Diz que passou ha bocado ao Camões.

O esquadrão mette de novo pelo Chiado, e no topo encontra o grande epico, e nada mais. Sempre a trote largo, percorre o Bairro Alto, — alguns soldados vão abandonando a forma.

O sargento, quando passa pelo *Romão das Lulas* sente-se farco, entra e pede um petisco.



O Bairro Alto está cheio de pilecas, que ali andam, como em Aljubarrota os braços e as pernas :

sem dono e sem sentido.

Finalmente, o capitão, vendo-se só, entra na administração do *Diario de Noticias*, e passa pela portinhola do administrador o seguinte annuncio de quatro linhas,— noventa réis :

ALVIÇARAS

*Perdeu-se um principe, desde o Rocio até a praça de Camões. Quem o achar pode entregal-o na Ajuda, ou no quartel de cavallaria, em Belem, que receberá o valor do principe em dinheiro.*

Resta-nos perguntar uma coisa, para nos podermos governar, caso achemos o principe :

— Em quanto o computam ?

Sim, parece-nos isto um ponto importante ; porque nós, a a termol-o perdido, não dariamos nada pela prenda.

—••—

Ao cair o panno sobre um dos actos do *Alfageme*, os actores deram tal relevo ao trabalho de Garrett, que alguns espectadores, na força involuntaria do habito, desataram a chamar : — o auctor ! o auctor !

Houve um momento de verdadeira hesitação dolorosa no palco. Quem deveria ir receber os applausos : O Cascaes ? — por ser o mais velho ; o Ennes ? — por ser o mais vernaculo ; o D. João ? — por ser o mais mimoso ; o Lopes de Mendonça ? — por ser o mais epico ; o Fernandes Caldeira ? — por ser o mais delicado.

E o publico continuando a chamar : o auctor !

Inspiradamente de subito foi resolvido, para não ferir susceptibilidades, que fôsse o Luiz de Araujo.

— Não estava no palco ! E veio então ao proscenio o actor O'Sullivand declarar, com magua, que o auctor estava em casa — ligeiramente adoentado, e, porque só se sentira enfermo momentos antes de começar o espectáculo, não podera prevenir o publico pelas gazetas — como o sr. Joaquim Miranda.

—••—



Guerra Junqueiro está escrevendo um poema — *A Agonia dos Simples*. E' elle mesmo que os esgana. A obra já estaria concluida se não fôsse a viagem do rei. E' que o maximo poeta, para não se encontrar com D. Carlos, saiu de Vianna.

Teria tido o nosso Victor Hugo medo de que D. Carlos lhe pedisse contás da *morte de D. João?*

— Varro essa! Sua magestade é lido. Sabe que não se trata no trovejante poema de nenhum dos homonymos numerados seus antecessores.



## S. CARLOS

Diz-se que vae apparecer a lume um livro intitulado *Historia do theatro de S. Carlos desde os tempos dos Wisigodos até os nossos dias*, devido á penna de um illuminado escriptor. *Luminoso*, creríamos que fôsse José Antonio de Freitas; mas *illuminado*, não pode ser outro senão Antonio Ennes, demais a mais vindo a historia desde os Wisigodos; — ou, na alternativa, Antonio Candido. São gemeos no talento e no nome.

Com o fim de facilitar a illuminação do *quidam* que nos ameaça com a futura chronica do theatro de S. Carlos, hemos por bem offertar-lhe alguns apontamentos que, no assumpto, são talvez uteis luminarias.

Em primeire logar, diremos o ponto que os Wisigodos tiveram em mira fundando o theatro de S. Carlos.

Fuas Roupinho, Wisigodo desse tempo, (não fazemos lá grande questão de datas) Fuas Roupinho, o celebre cavalleiro da praia da Nazareth, amava com extremos de purissimo romantismo Eurika, — a pesar do romantismo haver começado muito depois, segundo Theophilo Braga reza na historia delle. Eurika, sabendo que Fuas era destemido e nos assaltos feliz, a ponto de arremeter sem perigo contra o Atlantico, lembrou-se de... não sabemos de que. Parece-nos que vamos mal por esta azinhaga. A historia de S. Carlos não parte ainda daqui. É certo que Fuas Roupinho foi um dos fundadores do theatro lyrico; mas isso são contos largos, e approximemo-nos mais da epoca.



Mais tarde, el-rei D. Diniz, andando a passear nos campos de Monte-Real, aonde premeditou a fundação do pinhal de Leiria, aproveitando a occasião de tomar banhos da Amieira, ouviu no amago da floresta uma voz, entre pardal e rouxinol, que o fez chorar de tal modo, que o rei lavrador exclamou, como Thomaz Ribeiro :

Meu pranto, basta já, não mais...

Approximou-se a voz, o monarcha estava quedo e pasmado. Subito appareceu-lhe uma fada, de cabellos de oiro, por signal chamada Lianor Urraca da Cruz Pinto, que investigações posteriormente feitas, pelo marquez de Vallada, nos dão como 17.<sup>a</sup> avó de um grande maestro-compositor deste seculo.

Rendido se prostrou o soberano aos pés de Lianor, e disse : — que voz assi jámais ouvira ; e per isso, non desejando que soo ele tal dita houvesse, mas si que todo mundo conhecesse o alto poder daquela voz, hia fondar hua arena donde ela amostrasse a grandes e piquenos suas artes ; e nela arena Lianor se faria ouvir !

Esta é a mais natural versão ácerca do estabelecimento do theatro lyrico.

Passemos alguns annos, como fazem os historiadores, e eis-nos caídos ás plantas de Zamperini. Começa então a vêr-se que uma população inteira de amadores lyricos, rodeando a Zamperini, não sabe o que ha de admirar mais nella : se a voz, se o chapéo. Os ricos amam-na e possuem-na. Os pobres, illudindo-se, azamperinam as consortes, cobrindo-as do sol com chapéos á Gonçalves do Porto. A voz da cantora agrada ; o chapéo enthusiasma. Corre tempo ; a Zamperini vae-se. A voz esquece ; o chapéo fica. Os amadores lyricos entram de mostrar quem são. Deitam a arte de uma cantora á valla commum ; e passam-lhe o chapéo á posteridade.

Surgem novas cantoras ; e na sala do theatro formam-se partidos. Um, pelo chapéo d'uma ; outro, pelo chapéo d'outra. Nas ruas de Lisboa abrem-se aos centos lojas de chapelheiros ; quando o chapéo d'uma cantora está de semana, vendem-se chapéos como o della ; e *vice-versa*. E, destarte se include na *historia do theatro de S. Carlos a historia da industria da chapelaria*.



Mas o theatro de S. Carlos começa a ser temido pelos burgueses, como pelos pacatões do Porto o *Reimão* da pescada. É rara a função em que não ha lambada grossa : no Reimão, pela embriaguez do vinho ; em S. Carlos pela do chapéo.

Os poetas de 38, alfim, deitam um pouco de agua na fervura, declamando solaus dos camarotes abaixo, e fazendo assim que, no acceso das pelejas, todos se calassem para escutar obras primas.

Surgem, nisto, Eça de Queiroz e o senhor D. Fernando, o primeiro a refundir, co'a litteratura nova, os bons costumes medievaes e romanticos; o segundo, antepondo cantoras ás princezas. As cantoras sobem no mercado e os costumes descem.

Já se não quer chapéo em logar de voz ; quer-se plastica completa. Rebenta um ovo de kágado, e sae piando o dr. Sergio, pedindo, em poucas linhas, pernas de cantoras a braços de faminto. Raphael Bordallo desenha, como reclamo implorado pelos empresarios de S. Carlos, as formas de quantas guinchonas apparecem. Illumina-se tudo a luz electrica, para que os amadores vejam que ali não ha confeição, que são carnes frescas e roliças. As raparigas de todos os *passes* ricos de Lisboa, ouvindo dizer que é ali o *certamen*, correm a alugar cadeiras por conta do duque de Albuquerque. As primas de todos os Bazilios da platéa empenham a panella do caldo para completar o preço da assignatura ; os oculistas fazem oculos de terra, applicados á carne ; os beigos dos *dilletanti* entreabrem-se ; os jornaes publicam versos desses *dilletanti* ás formas das mulheres da vespera ; Augusto Ribeiro e o Lamas, de casacas impossiveis, mas com algum atrevimento e muita lingua, fazem conquistas que não se acreditam.

Oh ! templo das artes callipigicas, sume-te, que vem ahi o Marquez de Pombal arrazar-te !... Redime-te, ó perdido publico ; lava-te com sabonetes de Santa-Ritta, perdão ! — de Santa Iria.

Não é só na publica administração que o Elvino de Brito quer moralidade ; elle tambem a quer no theatro de S. Carlos !...



Isto deve acabar ! O programma está já tracejado. O descendente de D. Lianor Urraca da Cruz Pinto vae compôr cantos religiosos, operas de moralidade lyrica ; e o menino Mello Barreto promette escrever os poemas — para V. Ex.<sup>as</sup> — É o momento psychologico.

Platêa de S. Carlos, ouve com respeito o hymno da restauração.

De pé ! De pé !...



No quinto acto do *Fausto*, ao ver cair Maria do Arneiro, dissémos :

— Morreste !

E uma voz :

— Que Deus te leve em bem !...

O *Diario Illustrado*, porém, dizia no dia immediato que Maria do Arneiro tivera as honras da noite.

Sim... Honras funebres ! Um silencio de respeito espalhou-se por toda a sala, até que um *schiu !* prolongado susteve um grosseirão que o quebrou com duas palmas.

Parecia que estavamos num adro de egreja. E o caso não era para menos...

Não só porque Maria do Arneiro morrera duplamente, como Margarida e como Mariquinhas, mas tambem porque chegara ao salão, no intervallo, a triste noticia de que fôra retirada de ensaios a *Familia do Fala-Só*, peça que D. Guimarães esteve para pregar-nos.



Que bem que está o Magalhães Lima colorido (fazem-se assim eguaes a 6\$000, diz o lettreiro) entre Bismarck, Crispi, Sagasta, Kalnoky, Tisza, Caprivi e outros grandes estadistas sem côres, na vidraça duma tabacaria á esquina do Rocio e rua do Ouro !



Declara o sr. Pedro Correia no seu periodico que, em vista da crise monetaria, a administração do mesmo jornal não anda lá muito direita, nem os credores muito em dia.

Por que não faz uma peça ?... Os credores, em vista do talento do sr. Correia, que se juntem, e exijam um drama que os indemneze. Enchem depois o theatro e o successo é certo.





A final parece que não veio agora a Lisboa a tal princeza Ratazana. Ainda nos não informámos bem; mas Augusto Soares, rei dos *reporters* portuguezes, pela abdicção voluntariosa de Eduardo Schwalbach, seu antigo amo e senhor, mas Augusto Soares, esse que tudo préscura e de tudo anda á pérgunta, desde os motins do Limoeiro até as mysteriosas notas falsas, — já deve ter dito a verdade sobre o caso, no *Jornal da Noite*. Se, com effeito, a grande dama se acha entre nós, (salvo seja!) é mesmo de crer que o «nosso collega» tenha jantado com ella todos os dias. Ha de ser, pois, pela folha intransigente, ou pelo seu bem vestido informador, — á porta da Monaco — que o publico deve saber se a famigerada auctora do *Portugal a Vão de Passara*, com mais uma decada sobre a carcassa, ainda nos procura com idéas de colher impressões para outro livro espaventoso. Sendo assim, manda o antigo preceito da razão inversa da idade nos amourosos embates que se deixe do Theophilo Braga, do Ramalho e dos Ennes. Agora a vez cabe aos *novos*, mais impulsivos... com as velhas. O Lambertini, o Mello Barreto, — é verdade que são dois estafermos, feissimos e cheios d'ossos, — mas innegavelmente os unicos que podem inspirar a principessa matrona — antes e depois de D. Guiomar; pois que, sem mercê, são elles hoje os batedores da numerosa escolta dos modernos talentos patrios. Ah! se esses dois adolescentes portentos quizessem dizer á litterata da justiça que emfim foi feita á nullidade de Camillo Castello Branco! Se lhe contassem como o país o deixa dormir esquecido num tumulto particular, esmolado, que um amigo abriu ao seu lasso cadaver no cemiterio do Repouso!

A' fé que a princeza haveria de chorar... de jubilo.

Aquelle auctor da *Torpeza*, em que, pela tramoia dum alcapão — estaes lembrados? — surgia Camões no palco da Alegria, a dar a deixa á Historia, especie de Florentina Rodriguez, que lhe respondia em gallego, — aquelle consagrado auctor apparece agora em scena, vindo dos bastidores da imprensa, com uma peça em vernaculo — como *Os Lazaristas* — chamada *A Consciencia*. E dizem-nos que esta nova excede em muito a outra.



*Pan-Tarantula*, chocarreira personagem das farças obscenas do *Pimpão*, como lhe dessemos um logar de mero figurante entre a nossa comparsaria baixa, — investido na parte de criado lorpa de entremez, ameaça-nos...

Está bem. Que a musa da taluda do Fonseca e dos sabonetes do Congo não saia a meia-porta, pois se arrisca a multa e calaboço — por offensas á moral publica. Contenha-se. Hemos de dar ao seu homem um papelzinho na peça... quando ella metter velhos de Entrudo e o resto. E até lá que faça enigmas desses por que estua a curiosidade anciosa da Mouraria e regiões limitrophes. Mas que os faça como Bocage aconselhava ao Caldas que fizesse nenias.



O Fonseca das cautellas mandou pregar pelas esquinas cartazes representando uma irmã de caridade na attitude de offerecer um sacco cheio de moedas de oiro, das que elle promette para a grande do Natal. Um modo muito cauteleiro de apreciar a caridade... Mas, além dessa idéa, (suggerida de certo ao cambista pela musa de garibaldi encarnado e alvaiade num olho que lhe apregoa as cautelas em versos do cancionero do Bairro Alto) ha outra, concomitante, cuja realização teve o exito procurado. Foi aquella — contada pelos jornaes diarios de mandar vestir de padre o *Pan-Tarantula* e pôl-o deante dos cartazes a berrar enfurecido e gesticuloso contra a pouca-vergonha do desacato á religião.



A amenorrhica *Revista de Portugal* está agora com o novo sangue duma collaboração de *élite*. É o que diz o programma. Que ferro!



O burro que no *do Sr. Alcaide* figura, ao principio ganhava um tanto por noite, tal qual os comparsas, mas revelando dotes que o equiparam aos demais interpretes da famosa peça, foi então justamente contratado — como os outros. Um acto de justiça, porque o *Serapião* — teem-no dito as folhas — concorre briosamente «para o bom desempenho do conjuncto».

Falta ainda que o *Diario Illustrado* lhe dê o retrato; o sympathico asno merece essa consagração, e ha de tê-la, pois é ornamento da scena lusa.





Caiu doente o actor Brazão — *Marquez de Carvide do Intimo*. E o *Illustrado*, em taes circumstancias critico, — perdõem-nos a silepse — disse que o caso «representava um corte monstruoso nas receitas da peça».

Pois enganou-se o pretendido companheiro de infortunio. Schwalbach offereceu-se logo para enfermeiro do seu interprete e pôl-o bom num prompto. O que é saber de receitas...

O actor Taveira teve o S. Thiago. *Influenza*.

— «O João Rosa é que não precisava d'elle porque até já o fez... Sim, o *santo Iago*».

Este mendonça-e-costa tem razão de ser; pois que a verdade é que em Portugal se dá aos que pão o merecem o habito da ordem dum santo que nunca existiu. — Sim, cavalleiros, officiaes, commendadores, gran-cruzes, sois tudo isso duma ordem de que nem sequer sabeis escrever o nome que a designa. E premiam-vos o «merito litterario, scientifico e artistico»!

Confessae lá — vamos! — que sedes uns pandigos. Daes a conta! — como se diz agora.

Destes habitos dados ao Gouveia Pinto, ao Pina, ao *Gaspar da Silva* (Boaventura de Costa), ao Taveira, a um *Brazileiro* que tem mercearia no Pará, e a um callista que por signal roubou uma vizinha nossa com elle, dizia-nos uma vez alguém que deseja guardar o incognito: — Ah! mas não é o habito que faz o monge...

— Conforme. No *José das Pinguinhas* era.

Industria nacional. Uma nova bolacha: a das *Trinas*!

— E é que o Costa com esta bolacha vae fazer farinha!

Um amigo do Armando da Silva, indignado ao ouvir o *Brazileiro*:

— O que elle vae é fazer jus a algumas bolachas.

Nós, sentenciosos: — Quem lhas dera!

O exemplo dos industriaes da Covilhã pegou. No Porto deram ao Carrelhas uma saia de baetilha encarnada.



O 3.º numero das *Balas... de Papel*, será posto á venda em 31 de dezembro nas livrarias, estancos e kiosques.

**PREÇO DE CADA EXEMPLAR — 50 RÉIS**

Toda correspondencia para o escriptorio da empresa —  
Calçada do Garcia, 4 — 1.º

---

Editor responsavel — J. Garcia de Lima, rua da Bella Vista, 98